Paulo Guerra será sepultado hoje em Pernambuco

11 JUL 1977
CORREIO BRAZILIENSE

Depois de longa convalescença, o senador da Arena de Pernambuco, Paulo Guerra, faleceu na madrugada de ontem no apartamento 319 do HDB. Durante toda a manhã seu corpo foi velado no saguão do Senado. Lá compareceram diversos amigos, parentes, correligionários e, entre os poucos parlamentares que passaram o fim de semana em Brasília, estavam o presidente da Casa, senador Petrônio Portella, o presidente da Câmara, deputadao Marco Antonio Maciel, o líder Eurico Resende, os senadores Adalberto Sena e José Lindoso, entre outros. De lá, todos seguiram até o aeroporto, de onde o corpo do senador pernambucano seguiu, às 12:05 horas para Recife, onde será sepultado hoje.

PERFIL

Para se traçar um perfil de Paulo Guerra temos que reportar- nos à política anterior quando, depois de longo domínio político sob as lideranças de Agamenon Magalhães e Etelvino Lins, o PSD de Pernambuco teve, no final da década de 50, uma grande fase de declínio, mas, logo o "casamento" da UDN com o PTB chegava ao fim, com a eleição de Miguel Arrais para a prefeitura do Recife, numa verdadeira reviravolta. Um deputado pessedista na Assembléia Legislativa usava da cisão para apoiar Arrais ao governo e com o assentimento do seu partido saía vice- governador da chapa eleita em 1962.

O senador Paulo Pessoa Guerra, ex- prefeito de Orobó, em 38, e de Bezerros, em 40, ex-delegado de polícia da capital, em 41, diretor do presídio agrícola de Itamaracá, em 42, constituinte em 45, reeleito em 50 e deputado estadual em 54 e 58, dava, dessa maneira, um grande passo para chegar ao governo do estado, o que aconteceu no dia 2 de abril de 1964, apesar do seu envolvimento com Arrais. Era então, a consagração política de um velho criador de gado e plantador de algodão, nascido em 10 de dezembro de 1916, no engenho Babilônia, em Nazaré da Mata, Pernambuco.

Em 1970, Paulo Guerra, junto com o então comerciante Wilson de Queiróz Campos, cassado cinco anos depois pelo AI- 5 pelo seu envolvimento no Caso Moreno, conseguiram um grande e inesperado feito: derrotar o rico industrial e senador José Ermírio de Morais, do MDB, e garantir as duas vagas ao senado em disputa para o seu partido, a Arena.

No Senado, como foi sua característica na Câmara Federal e na Assembléia Legislativa, não foi parlamentar de grande atuação na tribuna, compensando com um eficiente papel nas comissões e nas articulações com seus partidários. Mas, fez dois pronunciamentos considerados fortes. Um, sobre a falência do Nordeste e outro contra a Reforma Agrária do INCRA. Depois disso preferiu evitar a tribuna e em entrevistas com a imprensa usava sempre de muita ironia.

Sua liderança política em Pernambuco, mesmo atuando em Brasília foi sempre muito sentida e em janeiro de 72, quando o então governador Eraldo Gueiros Leite, a conselho de alguns assessores, decidiu reconstituir o Diretório Regional da Arena, marginalizando os grupos do senador Paulo Guerra e do ex- governador Nilo Coelho, detentores de 80 por cento das bases eleitorais do estado, viu criada contra si uma "Arena rebelde" que lhe criou amargos reveses.

O senador Paulo Guerra a partir daquele momento passou a arregimentar forças no sentido de dar uma resposta a essa decisão do governador Eraldo Gueiros, para uma expressiva vitória do seu grupo no pleito municipal de 72. A crise desdobrou- se até o final do governo Gueiros, derrotado diversas vezes pelos rebeldes de Guerra aliados aos emedebistas. A última vitória eleitoral de Guerra em Pernambuco foi a eleição do seu filho Joaquim, em 1974, a uma vaga na Câmara Federal, como o quarto deputado mais votado do estado.

Murilo Paraíso substituirá no Senado a Paulo Guerra.

O engenheiro Murilo Paraiso, de 53 anos, nunca quis trocar a engenharia pela política. Apesar de ter servido a três governos- Cid Sampaio, Paulo Guerra e Nilo Coelho - sempre exerceu cargos administrativos ligados ao setor de viação e obras. Por isso, por uma questão de vocação, ele não se entusiasma com o Senado como substituto do senador Paulo Guerra. Murilo Paraíso se define como amigo pessoal de Paulo Guerra, "uma amizade alicerçada em 1964 quando ainda do Governo Liguel Arraes". Naquela época, Miguel Arraes viajou para o Rio de Janeiro para depor no IBAD e Paulo Guerra, vice-governador subistituiu - o. Paulo Guerra liberou, então, uma licença solicitada pelo então funcionário público Murilo Paraíso para tratar de problemas particulares. Miguel Arraes vinha negando a licença. Com a Revolução, Paulo Guerra assumiu o Governo do Estado e convidou o amigo para a Secretaria de Viação e Obras, setor que comandou no aoverno seguinte, Nilo Coelho. Em 1970, aceitou a suplência de Paulo Guerra no Senado "como uma imposição do amigo". "Paulo Guerra", conta "procurou - me em casa e disse: estou aqui para buscar o amigo para ser meu suplente. Murilo não queria aceitar sob o argumento de não gostar de política. Ante a insistência disse, já confirmando sua candidatura: "Mas você tem que me garatir três coisas: não assumir governanças nenhuma nesses oito anos, nem ministério e nem morrer". Paulo Guerra sorriu muito e observou encerrando a questão: "Esse último eu até faria com muito prazer". Diretor da Construtora Souza Luna, no Recife, Murilo Paraíso resolveu dedicar-se a essa profissão, esquecendo totalmente a política. Seus dois filhos seguiram- lhe a vocação. O mais velho, inclusive, também engenheiro, o auxilia na construtora, enquanto o mais novo ainda estuda arquitetura. Sua mulher, Marina Paraíso, é proprietária de um colégio no bairro aristocrático do Espinheiro e diz que não gostaria de ver o marido no Senado. "Porque iria transtornar totalmente nossa vida".

Paulo Guerra

Muitos amigos compareceram à partida do corpo de Paulo Guerra para Recife